



Crise numa mesa de bar

César Garcia

Há tempo frequento o bar que está a um quarteirão da minha casa. Quando vou com amigos, prefiro mesa ao ar livre. Para jantar com minha mulher, vou para o ambiente com ar condicionado. Sozinho, escolho uma mesa no terraço, como no sábado passado.

Pedi uísque e comecei a ler um livro de Hilda Hilst, presente de uma amiga. Tenho critério para leituras fora de casa: as dimensões do livro. Deve ser pequeno, e ter menos de cem páginas, para não pesar na bolsa. Por isso, costumo comprar os pocket-books. Quando surgiram, os bolsos deviam ser maiores. Hoje, vão na bolsa ou na mochila. Antes de começar a leitura, percebi que havia um homem de paletó, gravata e óculos, sozinho, tomando a mesma bebida que eu, três mesas adiante. Comecei a ler. O diálogo entre Hillé e Ehud já me levava para longe dali, quando fui interrompido pelo homem de óculos.

– Desculpe interromper, o cavalheiro tem fósforos?

– Não, não fumo, mas o garçom vem ali.

– É mesmo. Obrigado.

Vi que o homem não estava bem. Parecia mergulhado numa tristeza profunda, a barba era de pelo menos dois dias. O garçom chegou, acendeu o cigarro dele dizendo: não é permitido fumar, mas como o bar está quase vazio, o senhor pode

ficar à vontade. Eram cinco horas da tarde, o sol já estava brando e a época não era de calor. Os primeiros goles da bebida me haviam dado um bem-estar daqueles que nos fazem pensar que a vida vale a pena. Mantive o livro aberto porque estava seguro de que o homem iria voltar à sua mesa e também para que ele notasse que eu não queria convidá-lo a sentar-se. Avaliei mal. Pediu licença, puxou uma cadeira e sentou-se. Tirou os óculos e disse sem olhar para mim:

– Tenho sessenta e dois anos. O senhor parece mais jovem do que eu. Como gosta de ler, talvez queira escutar-me. Se não, diga, que me retiro.

Fechei o livro e lhe disse: fique à vontade, fale.

Continuou.

– Para retribuir sua gentileza, vou apagar o cigarro. Não é fácil encontrar pessoas gentis, muito menos no ambiente em que vivo. A competição não nos permite esse refinamento do espírito. Diariamente, enfrento adversários, tento adivinhar o que eles vão fazer e tomo minhas decisões. Aprendi com meu pai, há muito tempo. Era um mestre no assunto. Quanto a mim, fui bom aluno, fiz fortuna. Tenho dois filhos que não se interessam pelo que faço. Agora, começo a achar que têm razão. Preferiram ser funcionários públicos e, como atuam na área do Direito, estão bem de vida. Têm uma rotina sem risco, bom padrão de consumo, e ainda contam com a herança. Não sabem o que me aconteceu nos últimos dias. O senhor vai saber antes deles, se tiver a paciência e a caridade de escutar-me.

Olhou pela primeira vez nos meus olhos, sem mexer a cabeça. Pela introdução que fez, achei que valia pena ouvi-lo, mais por curiosidade do que por algum desejo de ser solidário. Disse apenas: claro, continue.

– Pois é, não saberia lhe dizer claramente por que passei a vida metido no mundo dos negócios. Poderia ter me retirado, buscado modos de ganhar dinheiro com menor risco. Há vinte anos eu já possuía o suficiente para isso. Nunca fui homem de gastar muito, luxar, ostentar riqueza. Meu objetivo foi sempre ampliar os negócios, pensando nos filhos e netos. Como já lhe disse, eles estão bem e tampouco minha mulher tem com que se preocupar. Há três dias, sem que eu esperasse, surgiu na minha frente a oportunidade de dobrar o patrimônio em pouco tempo. Operação complicada para quem não é do ramo. Calculei mal o risco, ou melhor, vi que era alto, mas não era jogada para se perder. Se deixasse passar, os concorrentes a pegariam. Era o que eu devia ter feito, mas nesse mundo é assim: até os mais experientes cometem erros e esta foi minha vez. Abandonei posições seguras, pouco rentáveis, e investi tudo nessa jogada. Minha mulher está viajando, não sabe de nada, mas a verdade é que me sobra um décimo do que possuía há três dias. Não imaginava que a quebra de um banco nos Estados Unidos chegasse a me atingir, porém o senhor não faz idéia da quantidade de empresas que têm relações com uma instituição daquelas. Tenho cerca de vinte empregados, não é muito, em comparação com as grandes firmas da indústria e do comércio. Porém, no setor financeiro é assim, com esse pessoal e os computadores posso movimentar grandes somas de dinheiro. Minha família não vai passar dificuldades, mas as dos meus empregados sim. Não poderei mantê-los. Eles já desconfiaram que a situação não

tem solução a curto prazo, estão tensos, com medo. Resolvi não aparecer na empresa ontem e hoje, pensando no que vou dizer-lhes. Nessa hora não adianta procurar amigos, eles desaparecem como por encanto. De repente, minha vida perdeu o sentido. Parei neste bar para comer algo, mas não consigo. No segundo uísque a cabeça já começa a rodar. Quando vi o senhor sentar-se, pedir uma bebida e abrir um livro, senti grande inveja e uma enorme curiosidade. A cena não podia ser mais expressiva. A tranquilidade, o prazer simples, sem culpa, que o senhor me transmitiu pareciam abrir uma janela por onde eu poderia ver outro mundo, bem diferente, quem sabe, alguma saída. Tive um amigo que, em situação parecida, suicidou-se. Não faz meu gênero. Posso pôr fim à vida, mas não por este motivo. A falência faz parte do jogo do mercado e é ela que nos força a buscar rentabilidade. É por isso que o serviço público não tem eficiência; não sofre tal ameaça. E quem opera na minha escala não tem ajuda do governo. Só os pequenos e os muito grandes; os médios, não. Na situação em que estou, nenhum gerente de banco quer me ver. O senhor deve estar se perguntando o que tem a ver com isso, não? Desculpe.

– De jeito nenhum, é como se eu estivesse lendo um romance, continue.

– Acontece que, para mim, não é romance, é realidade.

– Eu sei, desculpe, não quis dizer que a sua história fosse ficção, é real, o senhor e seus empregados estão sofrendo. No entanto, por mais que me solidarize, tomo conhecimento dos fatos por meio de sua narrativa, é diferente. Não sei se o senhor vai gostar, mas confesso que sua forma de contar é admirável, capaz de prender a atenção de qualquer ouvinte. Sincera, clara, convincente. Em nenhum momento duvidei que fosse real. Se o senhor não fosse um homem de bem eu teria notado. Distingo perfeitamente. Identifico o vigarista com facilidade, pelo modo de falar. Já vi uma mulher chorar na minha frente, pedindo ajuda – chamei a polícia. O soldado não me deu crédito, achou que a mulher falava a verdade. Dois meses depois, longe dali, a mesma mulher não me reconheceu e me disse a mesma lengalenga, sempre mal contada. Quando ameacei chamar a polícia, ela saiu correndo. Mas não percamos tempo, o senhor deve ter muito a dizer, continue.

– Bem, já estou mais calmo, talvez possa ir para casa, pensar em alguma medida, uma atitude. O senhor foi muito bondoso, escutando a minha tragédia. Não esperava mais do que isso.

– Não é bem assim, tive grande prazer, já lhe disse. Ficaria aqui mais duas horas se o senhor continuasse a falar da sua saga, vitórias e derrotas. Sua forma de contar, repito, muito me interessa. Além disso, pela amostra que me deu, a história é muito boa, daria um excelente conto ou até um romance que o senhor mesmo poderia escrever.

Dessa vez, o homem virou o rosto para mim e disse:

– Veja só: não sei seu nome nem o senhor sabe o meu. Conto-lhe uma tragédia que, para mim, tem grandes e graves consequências e para o senhor, não passa de uma boa história, que, mesmo assim, lhe interessou mais pela qualidade da minha

narrativa. Não pense que estou me queixando, quero apenas dizer-lhe que o senhor me ajudou muito. Sozinho, jamais perceberia tudo isso como uma boa história bem narrada. Não sabia, mas era o que eu precisava: ver minha desgraça como um conto, um romance, talvez. Proponho que o senhor converse com meus empregados. Quem sabe, eles também poderiam ver suas histórias como ficção e amenizar as angústias.

– Temo que o senhor esteja ironizando.

– De jeito nenhum, se o senhor não aceitar a proposta, eu mesmo farei o seu papel. Pedirei a eles que escrevam, contando o que está se passando em suas casas e juntarei tudo com o meu próprio caso. Precicarei mais uma vez do senhor para dar a versão literária ao texto. Talvez ainda não tenha percebido, mas o meu faro diz que estamos diante de uma oportunidade comercial. Alguma editora poderá interessar-se. Aqui está meu cartão.

Dei-lhe também o meu e ele retirou-se agradecendo.

Tentei voltar à leitura, mas o desespero de Hilda não combinava com a esperança daquele homem agarrado com unhas e dentes às paredes do poço em que se encontrava. Voltei para casa achando que tinha feito uma boa ação. Quanto ao livro, não creio que ele vá em frente. Terá mais o que fazer.